

O Que Pensam os Curadores de Artes Cênicas

Raphael Giammattey Machado Ricardo

Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói, Brasil

E-mail: mrgiammattey@gmail.com

Resumo

Articulando a ideia inicialmente apontada na dissertação defendida por Michele Rolim em 2015 e desdobrada posteriormente em livro lançado em 2017 – de que a curadoria nas artes cênicas coloca em evidência um fluxo de pensamento que nos faz interrogar ininterruptamente o que se constitui como procedimentos de quem exerce a função de diretor artístico – este texto recapitula o diagnóstico do pensamento curatorial, desde o pioneirismo dos animadores culturais até à ascensão do curador a uma condição profissional adquirida na década de 1990, trajetória percorrida pela autora em sua pesquisa. Além disto, apura a mediação jornalística das quinze entrevistas reunidas na edição da Cobogó, *O que pensam os curadores de artes cênicas*, em que a autora solicita, de modo contínuo, objetividade aos entrevistados na descrição dos procedimentos, ao mesmo tempo que passa por dimensões éticas, políticas, sociológicas e estéticas presentes nesse debate.

Palavras-chave

Festival de teatro. Curador. Crítico de arte. Artes visuais.

Abstract

Enunciating the idea initially pointed out in the dissertation defended by Michele Rolim in 2015 and later unfolded in a book released in 2017 – that the curatorship in the performing arts backs up a statement that makes us interrogate uninterruptedly what constitutes the procedures of those who exercise the role of artistic director – this text recapitulates the diagnosis of curatorial thought, from the pioneering of cultural animators to the rise of the curator to a professional condition acquired in the 1990s, a trajectory crossed by the author in her research. In addition, it guarantees the mediation of the fifteen interviews gathered in the edition of Cobogó, *What the curators of scenic arts think*, in which the author continuously requests objectivity to the interviewees in the description of the procedures, while passing through ethical, political, sociological and aesthetic aspects of this debate.

Keywords

Theater festival. Curator. Art critic. Visual arts.

A edição em livro d'*O Que Pensam os Curadores de Artes Cênicas* baliza um novo parágrafo para a dissertação defendida por Michele Rolim no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que recebeu o título *Pensamento Curatorial em Artes Cênicas: interação entre o modelo artístico e o modelo de gestão em mostras e festivais brasileiros*. O nome empregado no título secundário cita o que se depreendeu da dinâmica curatorial nas artes cênicas. O livro, que surge dois anos depois da defesa, com o lançamento em 2017, reduz-se ao essencial de sua metodologia: as entrevistas realizadas com os curadores dos festivais. Eles exercem uma função de escolher os espetáculos que comporão a programação e se incumbem dos sentidos ainda nascentes, quando se inicia o reconhecido exercício curatorial de colocar lado a lado os espetáculos, lhes submetendo a vínculos, através de algumas vertentes articulatórias, que obviamente se estendem, alicerçados na recepção do público.

O livro de Michele Rolim posta-se na primeira edição com uma tiragem de mil exemplares, no rol da Coleção Dramaturgia da Cobogó, cuja editora-chefe é Isabel Diegues. Em seu formato, além das entrevistas, há um prefácio assinado por Valmir Santos, jornalista e coeditor do site *Teatrojornal – Leituras de cena*, e apresentação da obra pela própria autora. Os textos preliminares às entrevistas são escritos por dois jornalistas, cobrindo, inseparavelmente, os aspectos quanto à sociologia e à estética da arte. O prefácio divide-se em cinco pontos essenciais: dedução das causas para a escalada dos festivais ratificando uma inventividade formal dos espetáculos, triunfo de uma presença em rede para as experiências vividas nos festivais, intervalo entre as edições que

tornam favoráveis a criação de novas diretrizes às artes cênicas brasileiras como a relação entre o festival e a cidade, compatibilidade das peças com um movimento exógeno a elas relativos aos segmentos formativos e reflexivos que se somam à programação, reexame dos modelos dos festivais a fim de ampliar sempre as oportunidades.

Nas palavras introdutórias da autora, é importante destacar a homenagem prestada à figura dos animadores culturais, que antecede a do curador. Michele Rolim revivesce as ideias de Paschoal Carlos Magno (1906-1976), Ruth Escobar (1935-2017) e Nitis Jacon (1935), seja por promover um festival que propiciou condições para que grupos de diferentes regiões trocassem ideias sobre o teatro, seja por empreender projetos direcionados especialmente à vanguarda artística, seja pela trajetória precursora na arte, respectivamente. Logo no prefácio, Valmir Santos corrobora para a tese da figura do curador que substitui, de certo modo, a do animador cultural, quando afirma que “apesar de efêmeras, as artes da cena põem em contato indivíduos diferentes, e não apenas os anônimos da multidão”. A animação cultural é uma atividade complementar à criação de espetáculos, que não dissocia o teatro em suas dimensões estética e política. Michele Rolim encerra a apresentação do livro alegando que “o curador, de alguma maneira, é um mediador entre a arte e o público, aproximando-o de uma melhor fruição para a recepção do teatro contemporâneo”. A noção mesma de animação cultural vem do entendimento de um público que foi preparado na contracorrente das peças ditas fora do lugar-comum, tornando urgente uma intervenção que leve o público à familiarização com o contexto da inovação teatral.

No conjunto, o livro resulta da compilação

de quinze entrevistas realizadas entre 2013 e 2017 por Michele Rolim. Nove destas conversas são provenientes do itinerário da autora em sua pesquisa de mestrado, no entanto, tais conversas não foram incluídas como documentos em sua dissertação, ganhando, portanto, sua versão pública através deste livro. A razão apontada para não inserir estas conversas se devem ao fato de que elas não retratavam um fim em si mesmas, e sim um meio. Já a concepção editorial d'*O que Pensam os Curadores de Artes Cênicas* reproduz a lógica inversa: cada capítulo recebe o nome de um curador, seguido da descrição de seus perfis englobando a atividade que ocupam no meio teatral afora a curadoria, registrando o comprometimento que já tiveram ou têm atualmente com os festivais que acontecem no Brasil, junto à informação de qual ano o festival foi idealizado, indicando o período que o curador assumiu a função. De resto, é referida a data quando foi concedida a entrevista.

A sequência das entrevistas disposta no livro não parece atender a algum parâmetro estipulado anteriormente, em virtude, sobretudo, de não ser possível confrontar as entrevistas, todavia, um critério parece se afirmar ante uma mirada mais demorada na disposição das entrevistas, visto que as cinco primeiras estão relacionadas a festivais situados na região sudeste do país (eixo Rio-São Paulo além de Belo Horizonte), as próximas cinco relacionadas aos festivais ocorridos no sul do país onde a autora reside, as outras duas concernem a dois festivais importantes como o Cena Contemporânea, em Brasília, e Festival Internacional de Artes Cênicas, na Bahia, e finalmente as últimas três se referirem a exemplos mais particulares como o Festival Internacional de Máscaras do Cariri, o Centro Cultural São Pau-

lo e o Palco Giratório.

As práticas curatoriais dentro das artes cênicas brasileiras ganham status profissional a partir da década de 1990, especialmente, pelo aumento do fomento ao fazer teatral. Quatro do total de quinze entrevistas foram feitas com curadores de festivais cuja primeira edição aconteceu na década de 1990, a saber, Luciano Alabarse, Tania Brandão, Guilherme Reis e Eid Ribeiro, que estiveram à frente, respectivamente, do Porto Alegre em Cena, do Festival de Teatro de Curitiba, do Cena Contemporânea em Brasília, e do Festival Internacional de Teatro Palco & Rua de Belo Horizonte. Quanto às entrevistas feitas com curadores de festivais cuja primeira edição aconteceu dos anos 2008 em diante, acresce-se o número, perfazendo a quantidade de cinco entrevistas, cedidas por Antônio Araújo, Dane de Jade, Alexandre Vargas, Márcia Dias e Felipe de Assis. Todos eles estiveram igualmente à frente de um festival: Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, Festival Internacional de Máscaras do Cariri, Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre, TEMPO_FESTIVAL, e o FIAC, na Bahia, respectivamente. Os interlocutores do restante das entrevistas são: João Carlos Couto Magalhães, Marcelo Bones, Luiz Bertipaglia, Paulo Braz, Kil Abreu e Sidnei Cruz.

O caleidoscópio curatorial construído através das entrevistas por Michele Rolim mostra que o exercício desta função nas artes cênicas ainda possui muito de vagueza e indeterminação. Como a referência permanece sendo a das artes visuais em termos de curadoria, o livro pretende condensar a diligência da autora em reunir nas falas de diretores artísticos dos festivais, as acepções que vão se acrescentando à curadoria, ao transbordar seus limites, estremados pelas artes visuais.

A intercessão da autora nas entrevistas tangue à escuta sobre o que eles, diretores artísticos dos festivais, formulam quando escolhem um espetáculo em detrimento do outro, se interrogando e lhes interrogando sobre os seus métodos de trabalho. Observa-se imensamente o ato de interceder da autora quando ela pretende conhecer de forma mais objetiva os procedimentos do diretor artístico:

– Este é o plano do prazer. E como se desenvolve o plano da realidade?

– Então o que determinou isso foi a mudança de mercado?

– O objetivo, então, é apresentar a produção de outros países?

– Como o orçamento interfere nas ambições artísticas do Festival?

– Dentro dessa limitação, pode-se fazer escolhas, certo?

– Você acha problemático que os festivais repitam as programações?

– Onde começam e terminam as funções do coordenador e do curador?

– Como você vê atualmente a função dos festivais?

– Tomando as artes visuais como parâmetro, isso diferencia a curadoria das duas áreas?

Estas são perguntas que se desprendem das entrevistas e que ilustram a entonação usada pela autora. Nessa última interpelação, a autora aproveita que Marcelo Bones cita as artes visuais para lhe questionar sobre a natureza e o tipo de curadoria das artes cênicas em comparação a das artes visuais. Para Michele Rolim, o termo curadoria ainda está em construção, o que torna indispensável o cotejo entre os dois modos de se cuidar de um discurso por meio de obras que são criadas pelos artistas.

Na entrevista de abertura do livro com An-

tônio Araújo, um dos fundadores do Teatro da Vertigem, ele declara sobre o espaço que o curador deve franquear a uma obra ainda em construção:

Pensando no núcleo “teatro-cinema”, pensei em convidar uma releitura do John Cassavetes feita pelo diretor belga Ivo van Hove. Mas essa obra do Ivo van Hove não estava mais disponível. Aí, então, o que decidimos fazer? Criamos um projeto com Ivo van Hove, um diretor que tem trabalhado muito na relação teatro-cinema. O que conseguimos foi convidá-lo para criar uma obra com estreia na MITsp. Mas nem mesmo sabíamos se essa obra teria elementos audiovisuais, até porque o próprio artista ainda não sabia.

Tanto os curadores das artes visuais quanto das artes cênicas expressam uma relação continuada com os artistas e de mutualidade no tocante à obra que ainda está para ser produzida. Assim, a coprodução se torna um estatuto curatorial relevante nas artes cênicas, porque cria conexões com os artistas, deixando os curadores correrem o risco junto a eles.

Lisette Lagnado, pesquisadora na área de artes visuais, trata deste tópico como a linha que separa os curadores dos críticos de arte, uma vez que o crítico é declarado como um agente que não tem a sensação de pertença com a obra. Nas artes cênicas, o ofício de curador aparece como uma atividade paralela de um profissional ligado à arte, como diretores de teatro ou críticos teatrais.

Ivair Reinaldim, outro pesquisador na área de artes visuais, classificaria a curadoria como um prolongamento do processo judicativo já empreendido pelos críticos, levando em conta somente a diferença de veículo, que extrapola o meio jornalístico, atingindo outros mercados, como por exemplo, a exposição, o livro e o ca-

tálogo. Ao mesmo tempo, Reinaldim entende a curadoria exercida fora dos limites das artes visuais associada estritamente à gestão, organização e seleção.

Michele Rolim, no entanto, reassegura notavelmente que o pensamento curatorial nas artes cênicas brasileiras se constrói não só baseado no modelo de gestão, e sim nas interações entre este e o artístico. Sem deixar de admitir que a prática curatorial em artes visuais é uma referência, a autora deste primoroso livro estabelece um trânsito de ideias sobre a curadoria nas duas áreas, porém, sem recair na armadilha das especificidades de cada linguagem, quer dizer, como se uma não pudesse aprender da experiência da outra.

Recebido: 04/05/2018
Aprovado: 31/08/2018